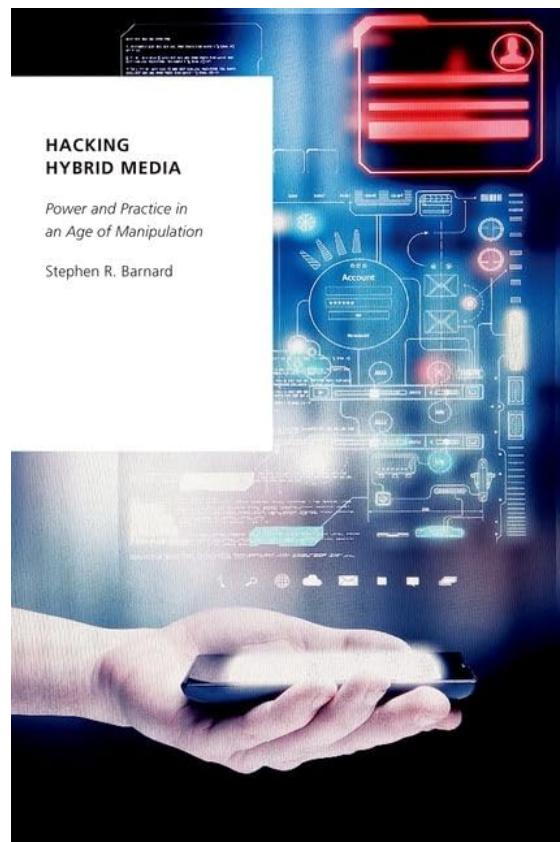


Resenha de Hacking hybrid media: power and practice in an age of manipulation

Review of Hacking hybrid media: power and practice in an age of manipulation

Joaо Carlos Sousa *1

¹*Instituto Universitário de Lisboa, Centro de Investigação e Estudos em Sociologia, Lisboa, Portugal.*




Linguagem e Tecnologia

DOI: 10.1590/1983-3652.2025.56424

Seção:
Resenhas críticas

Autor Correspondente:
Joaо Carlos Sousa

Editor de seção:
Daniervelin Pereira
Editor de layout:
Leonardo Araújo

Recebido em:
10 de dezembro de 2024
Aceito em:
24 de janeiro de 2025
Publicado em:
31 de janeiro de 2025

Esta obra tem a licença
"CC BY 4.0".



BARNARD, Stephen R. *Hacking Hybrid Media: Power and Practice in an Age of Manipulation*. New York: Oxford University Press, 2024. p. 217

Stephen Barnard é professor no domínio das Ciências da Comunicação e os seus interesses de investigação incluem as mídias, as tecnologias e as relações de poder. O seu percurso científico, ao longo do qual tem acumulado conhecimento e mobilizado teorias oriundas de vários campos, conduz a um trabalho interdisciplinar. Nos seus diversos trabalhos, tem ligado, de modo muito interessante, abordagens qualitativas e quantitativas; é especialmente o caso quando se trata da transformação digital e das suas consequências para a opinião pública, e para as instituições políticas e mediáticas. Ao longo da sua obra "Hacking Hybrid Media: Power and Practice in an Age of Manipulation", Barnard explora as potenciais disfunções do sistema mediático híbrido, ou seja, como os fundos tecnológicos e as dinâmicas culturais preparariam um terreno para a manipulação e a polarização política e informativa. No entanto, essa complexidade reflete a natureza complexa da influência das mídias.

A obra estrutura-se através da abordagem de estudos de casos e do desenvolvimento teórico e conceptual sobre as práticas de manipulação das mídias na era digital. Em termos orgânicos, a obra

*Email: joao.carlos.sousa@iscte-iul.pt

é constituída por sete capítulos, refletindo sobre como os atores políticos, as plataformas digitais e a opinião pública interagem com as narrativas mediáticas circulantes.

O autor começa por introduzir o conceito de sistema mediático híbrido, caracterizando-o como uma estrutura que combina as lógicas dos meios de comunicação tradicionais e das plataformas digitais. Mais concretamente, defende que “[...] é necessário considerar estes fenómenos no contexto de um sistema mediático híbrido, uma integração de meios de comunicação mais recentes e mais antigos em que as práticas mediáticas mais recentes nos campos interpenetrados dos meios de comunicação e da política adaptam e integram as lógicas das práticas mediáticas mais antigas nesses campos e vice-versa” (Barnard, 2024, p. 17 tradução nossa). Essa definição é claramente devedora da ideia de crescente hibridez do sistema mediático de Chadwick (2017). Neste contexto, nas mídias tradicionais, os jornalistas e editores atuam como guardiões, controlando o fluxo informativo que chega até aos cidadãos e público em geral. Com a digitalização, essa dinâmica alterou-se radicalmente e as possibilidades oferecidas pelas plataformas digitais permitem um fluxo de informação mais descentralizado e interativo.

Um caso que serve de ilustração é a Convenção do Partido Republicano de 2019, nos Estados Unidos, na qual Donald Trump, com a ajuda de influenciadores digitais conservadores, pôde difundir e reforçar narrativas, muito para além dos participantes neste encontro partidário. Esse exemplo, descrito como um “pseudo-evento”, ilustra a forma como os atores políticos moldam e condicionam com sucesso o discurso público através das potencialidades tecnológicas do sistema mediático híbrido. Com efeito, Barnard introduz o conceito de “capital mediático em rede”, central na sua análise, que descreve a capacidade dos atores de utilizarem recursos tecnológicos e mediáticos para reforçarem a sua influência no debate público.

Mais, Barnard advoga que o sistema midiático híbrido não é simplesmente uma combinação de lógicas tradicionais e digitais, mas sim um ambiente transformador que redefine as relações de poder, criando oportunidades de participação dos cidadãos, mas também novos desafios institucionais confrontados pela disseminação massiva de desinformação que visa à manipulação.

No segundo capítulo, o autor tem como finalidade apresentar uma tipologia detalhada das práticas de manipulação, dividindo-as em três funções principais: criação, reforço e legitimização. A criação de desinformação (função geradora) é seguida de estratégias de disseminação (função reforçadora) e da confirmação da credibilidade dessas narrativas (função legitimadora).

O autor ressalta que as oportunidades digitais democratizaram o acesso à produção de conteúdos, permitindo que os atores individuais e coletivos façam uso dessas ferramentas para moldar a opinião pública. Contudo, essa democratização também abre espaço a práticas de manipulação. Barnard lança mão do modelo clássico de propaganda de Herman e Chomsky para demonstrar que, enquanto a manipulação tradicional era centralizada e controlada, o ambiente híbrido caracteriza-se por descentralização, amplificação por algoritmos e, muitas vezes, participação.

Nessa linha, Barnard enfatiza também que as novas possibilidades abertas pelas plataformas digitais tornam possível que as mensagens com desinformação cheguem a um público ainda mais heterogêneo, de forma rápida e eficaz. Tal fenômeno cria um ecossistema informativo em que as falsas narrativas não apenas podem proliferar, como também moldar a opinião pública de maneira contundente, redefinindo a relação entre tecnologia, conhecimento e poder.

No terceiro capítulo, Barnard aborda as consequências da abolição da doutrina da neutralidade, nos Estados Unidos, em 1987. Essa alteração regulatória eliminou a exigência do equilíbrio na informação noticiosa. De acordo com o autor, a decisão deu espaço ao crescimento dos conteúdos polarizadores nos meios de comunicação tradicionais, como rádio e televisão, e preparou o terreno para o sensacionalismo que se verifica em boa parte do discurso midiático contemporâneo. Desse modo, com a solidificação de um modelo comunicacional fundamentado em mecanismos descentralizados, tais tendências foram exacerbadas. Os líderes políticos passaram a poder contornar facilmente os intermediários tradicionais, como jornalistas e comentaristas, e interagir diretamente com o público, utilizando plataformas digitais para apoiar narrativas possivelmente polarizadoras. De acordo com Barnard, essas transformações refletem tanto transformações tecnológicas quanto transformações culturais e institucionais, que criaram um ambiente midiático mais fragmentado e polarizado.

Concomitantemente, o autor observa também a forma como a segmentação das audiências reforçou os consumos midiáticos. O fenômeno das “câmaras de eco” surge como uma consequência direta das lógicas algorítmicas, que dão prioridade aos conteúdos que reforçam as percepções pré-existentes dos utilizadores. Essa dinâmica não apenas agrava a polarização, mas também restringe a criação de espaços de diálogo e consenso. Assim sendo, Barnard aponta para os desafios que as mídias tradicionais enfrentam, dentro do ambiente híbrido. A diminuição da confiança nas instituições jornalísticas e a ascensão de plataformas que favorecem o engajamento em detrimento da qualidade informativa estão ameaçando a capacidade do jornalismo para desempenhar sua função social. Tal análise é crucial na elaboração para compreender os fatores estruturais que modelam o sistema midiático contemporâneo.

O quarto capítulo examina a forma como as plataformas digitais atuam como intermediários do sistema híbrido e como moldam o discurso público de uma forma que normalmente privilegia a desinformação. Segundo Barnard, as plataformas, regidas por modelos de negócio que priorizam o lucro, geram condições favoráveis à disseminação de conteúdos polarizadores e mobilizadores emocionalmente. Por exemplo, pode-se mencionar o ataque ao Capitólio, nos Estados Unidos, em 2021. O autor utiliza esse evento para ilustrar como as oportunidades tecnológicas que possibilitam as plataformas podem servir tanto à mobilização democrática como a atividades extremistas. Enfatiza que essas capacidades permitem aos grupos organizados fazer circular eficazmente falsas narrativas, frequentemente fabricando percepções enganosas que influenciam a opinião pública e o seu comportamento.

Nessa linha de pensamento, Barnard critica a falta de transparência das plataformas digitais relativamente aos algoritmos e aos processos de moderação de conteúdos. O autor considera que a autorregulação das empresas tecnológicas não é suficiente para enfrentar os desafios da manipulação da informação e da polarização. Com efeito, o autor faz a apologia de maior regulação e de práticas mais transparentes, que responsabilizem as plataformas.

Simultaneamente, o autor reflete sobre a forma como as capacidades das plataformas tornam os conteúdos manipuladores altamente virais. Ferramentas como memes, vídeos editados e campanhas coordenadas tornam-se armas poderosas nas mãos de atores que compreendem as dinâmicas do sistema híbrido. Ao reforçarem narrativas errôneas, essas práticas põem em causa a integridade dos processos democráticos e a coesão social.

Nos capítulos cinco e seis, Barnard apresenta estudos de caso que ilustram as práticas de manipulação abordadas ao longo do livro. O primeiro exemplo é o incidente entre o jornalista da CNN Jim Acosta e uma estagiária da Casa Branca. A partir de um vídeo que havia sido objeto de manipulação, serviu de justificação para alegações de abuso por parte do jornalista. Esse caso exemplifica como os atores políticos podem se apropriar de ferramentas digitais para ajustar percepções e controlar narrativas veiculadas junto à opinião pública.

No segundo caso, o autor analisa o fórum The_Donald, uma plataforma digital utilizada pelos apoiantes de Donald Trump para coordenar estratégias de manipulação. Os membros do fórum utilizaram técnicas como memes, tendo como finalidade a manipulação de algoritmos para promover narrativas que visam desinformar e manipular.

Barnard analisa a forma como a migração do fórum para uma plataforma independente, depois de o Reddit ter imposto restrições, intensificou as práticas extremistas. Esse exemplo é particularmente relevante para compreender como os espaços digitais alternativos podem atuar como incubadoras de práticas manipuladoras, com consequências significativas para a integridade democrática.

Esses estudos de caso ligam eficazmente as teorias a exemplos concretos, demonstrando a relevância prática da análise de Barnard e tornando o trabalho acessível tanto aos acadêmicos como ao público em geral.

No último capítulo, Barnard resume os argumentos apresentados e introduz o conceito de “dialética da (des)informação”. Defende que as práticas manipuladoras e as narrativas desinformativas criam um ciclo de retroação em que a desinformação e a polarização se reforçam mutuamente e exacerbam as desigualdades estruturais e culturais.

Em diálogo com a obra e o seu autor:

Se bem que o autor oferece soluções, como a proposta de mais transparência nas plataformas digi-

tais, regulamentação efetiva e educação mediática, estas são feitas de forma descriptiva sem especificar como elas devem ser operacionalizadas. Barnard observa que a reação ao sistema midiático híbrido deve ser coletiva, salientando que essas soluções conjuntas devem mobilizar governos, empresas de tecnologia e cidadãos.

Um contributo da obra é a defesa de uma verdadeira e efetiva política que vise incrementar o letramento midiático como ferramenta essencial para combater a manipulação da informação, tal como vários autores têm vindo a defender (Sousa; Pinto-Martinho, 2022). Barnard sugere que os cidadãos devem ser capacitados através da educação para analisar criticamente os conteúdos que consomem e partilham, encorajando um envolvimento mais consciente e responsável. Essa proposta tem a limitação de se concentrar em medidas que visam indivíduos, porém há necessidade de medidas mais amplas como a inclusão em programas de formação escolar (Sousa, 2023).

O autor alerta, ainda, para os riscos associados à concentração de poder nas plataformas digitais. Argumenta que, embora as novas potencialidades tecnológicas democratizem o acesso à informação, também criam condições para a perpetuação das desigualdades de poder, uma vez que alguns atores exploram desproporcionadamente essas ferramentas, algo que tem vindo a ser reforçado por vários autores como Nielsen e Ganter (2022).

Hacking Hybrid Media é uma obra indispensável para compreender a dinâmica do poder e da manipulação no atual sistema midiático híbrido. Ao articular reflexão teórica rigorosa com estudos de caso empíricos, Barnard promove uma visão interdisciplinar e acessível sobre as práticas de manipulação na era digital.

Não obstante serem identificadas algumas limitações, como a concentração na realidade norte-americana e a falta de propostas mais pormenorizadas para resolver os problemas identificados, a obra caracteriza-se pela profundidade e relevância da reflexão que gera. Oferece não só uma crítica perspicaz, mas também um valioso ponto de partida para futuras investigações sobre a área de estudos de sobreposição entre as mídias, a política e a tecnologia.

Referências

BARNARD, Stephen R. *Hacking Hybrid Media: Power and Practice in an Age of Manipulation*. New York: Oxford University Press, 2024. p. 217.

CHADWICK, Andrew. *The Hybrid Media System: Politics and Power*. [S. l.]: Oxford University Press, 2017.

NIELSEN, R. K.; GANTER, S. A. *The Power of Platforms: Shaping Media and Society*. [S. l.]: Oxford University Press, 2022.

SOUSA, João Carlos. Resenha de *Designing for Democracy: How to Build Community in Digital Environments*. *Texto Livre*, v. 16, e46902, 2023. DOI: 10.1590/1983-3652.2023.46902.

SOUSA, João Carlos; PINTO-MARTINHO, Ana. Confiança e uso dos media na União Europeia: determinantes socio-mediáticas da confiança nas autoridades locais e regionais. *Media & Jornalismo*, v. 22, n. 41, p. 161–178, 2022. DOI: 10.14195/2183-5462_41_9.